

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DO NORDESTE
FASCÍCULO • JUNHO 2022 • NÚMERO 4 • VOLUME 2

ÁGUAS DO TERRITÓRIO MENDONÇA



4

Fascículo Nova Cartografia Social do Nordeste
Águas do Território Mendonça
Número 4 | Volume 2 | Ano 2022

EXPEDIENTE

PERIODICIDADE: Irregular | IDIOMA: Português

EDITORIAL

Etnologia, Tradição, Ambiente e Pesca Artesanal - ETAPA

COORDENAÇÃO GERAL

Franklin Plessmann de Carvalho, Juracy Marques e Vânia Fialho

COORDENAÇÃO PNCS/RN

Rita Neves

ORGANIZAÇÃO DA EDIÇÃO

Taisa Lewitzki, Ana Maria do Nascimento Moura, Maria Ivoneide Campos da Silva, Laura Carolina Borges, Rita Neves, Poliana de Souza Nascimento e Tiane de Paiva e Souza

EQUIPE DO PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL (NÚCLEO RIO GRANDE DO NORTE)

Taisa Lewitzki, Ana Maria do Nascimento Moura, Laura Carolina Borges, Rita Neves, José Glebson Vieira, Rozeli Porto, Francisco Cândido Firmiano Jr, Adinei Crisóstomo, Lázaro Souza, Manuel Moura e Roberto Carlos M.C. Mendonça

CROQUIS: Comunidades Indígena Mendonça Potiguara: Amarelão, Assentamento Santa Terezinha, Assentamento Marajó e Serrote São Bento

ELABORAÇÃO DOS MAPAS: Poliana de Souza Nascimento e Tiane de Paiva e Souza

FOTOGRAFIAS: Taisa Lewitzki

DIGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO: Ana Paula Arruda

CONTATO

DIVULGAÇÃO: Etnologia, Tradição, Ambiente e Pesca Artesanal - ETAPA

ENDEREÇO: CCHLA/UFRN | Departamento de Antropologia - ETAPA (Av. Senador Salgado Filho, 3000 - Lagoa Nova, Natal/RN - 59078-970)

CONTATOS: pncs.nucleo.rn@gmail.com
(84) 3342-2240

A coleção **Nova Cartografia Social do Nordeste** compreende um conjunto de trabalhos que registram mobilizações de Povos e Comunidades Tradicionais do Nordeste em torno da construção de conhecimentos que possibilitem dar visibilidade aos seus modos de vida, com destaque para conflitos que enfrentam e suas demandas aos poderes públicos. Refletem não somente a diversidade social e a gama de pontos de vista e suas respectivas práticas, mas, sobretudo, situações de conflito e conhecimentos intrínsecos aos processos reais e às realidades localizadas.

PARTICIPANTES DAS ATIVIDADES DE CAMPO E DAS OFICINAS DE MAPAS

AÇUCENA: Edinete Pedro da Silva.

AMARELÃO: Beatriz dos Santos Nascimento, Francisca Evania Barbosa do Nascimento, Hugo do Nascimento Silva, Humeara da Silva Oliveira, Jaciara Soares, Kaliane Raimundo de Souza, Lidiane dos Santos, Liziane Angela Campos da Silva, Marcelo Oliveira, Maria Ivoneide Campos da Silva (D. Neide), Maria Raissa de Lima Rocha, Milena Soares de Souza e Tayse Michelle Campos da Silva.

ASSENTAMENTO MARAJÓ: Aline Felipe de Paula, Amanda Micaelly Felipe da Silva, Ana Carla Bezerra Pinto Felipe, Cristiane Felipe, Dainara Góis de Lima, Deize Góis de Lima, Erica Gabriele Barbosa, Francisco Joseilson da Silva Góis, Francisco Victor, Jenilson Thyago Elias, José Carlos de Góis Tavares, José Eduardo Góis da Costa, Kaline Bezerra Felipe, Luize Góis de Lima, Manoel Henrique Felipe de Paula, Maria Danielly Góis de Lima, Maria Eduarda Felipe da Costa, Maria Eloise Felipe da Silva, Raissa Vitória Silva de Góis e Williane Varela do Nascimento.

ASSENTAMENTO SANTA TEREZINHA: Anderson Barbosa Santos, Brígida de Lima Leotério, Claudiane Pedro do Nascimento, Dioclécio Bezerra da Costa, José Antonio Dias da Silva e Lidiane Rodrigues da Silva.

CACHOEIRA: Claudio Soares, Damiana Soares, Francisco Félix, Izabelle Oliveira e Maria Betânia Soares.

SERROTE SÃO BENTO: Dialison Mello, Edna Raquel Tomaz, Francinete Batista da Costa, Genilda Batista da Silva Justino, Jamilly Gabrielly da Costa Silva, Kaline Cassiano da Silva, Maria da Conceição Batista, Rejane Batista da Costa Feitoza e Rogério Batista.

ORGANIZAÇÃO POVO INDÍGENA MENDONÇA

(PESSOA DE CONTATO)

Endereço

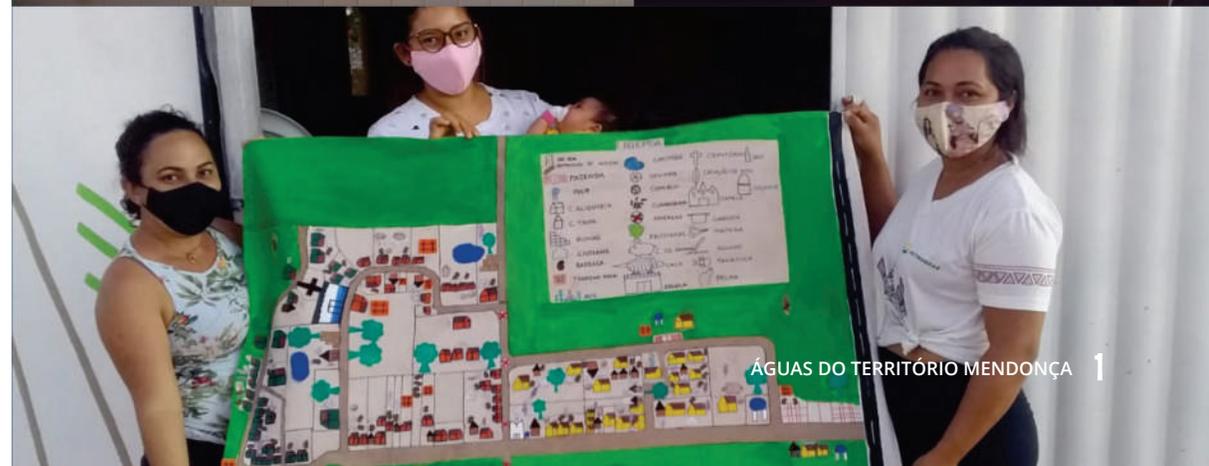
e-mail | telefone



APRESENTAÇÃO

O fascículo “Águas do Território Mendonça” é o segundo volume produzido a partir de oficinas, encontros, reuniões e caminhadas realizadas entre os meses de fevereiro e agosto do ano de 2021, durante a pandemia da Covid-19, no Território Mendonça. Nosso território é formado por 900 famílias que vivem nas comunidades indígenas “Mendonça Potiguara” de Açucena, Amarelão, Assentamento Marajó,

Assentamento Santa Terezinha, Cachoeira e Serrote São Bento, localizadas nos municípios de João Câmara e Jardim de Angicos, na região de Mato Grande no Agreste Potiguar do Estado do Rio Grande do Norte e como as demais áreas indígenas do estado do Rio Grande do Norte não é um território demarcado: “São terras, comunidades, enfim, com processos de construção diferentes.” (Tayse Campo, Amarelão).



Ficha catalográfica elaborada por Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963

N??? Nova cartografia social do Nordeste / Águas do Território Mendonça – N. 4 - V. 2 (Jun. 2022) / Coord. da pesquisa: Rita Neves e Taisa Lewitzki, Cruz das Almas: EDUFRB, 2022.

Irregular

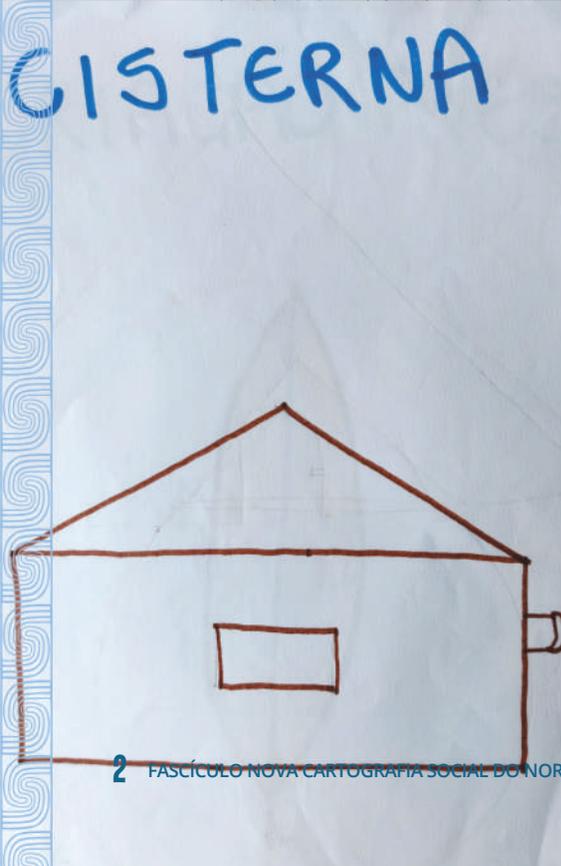
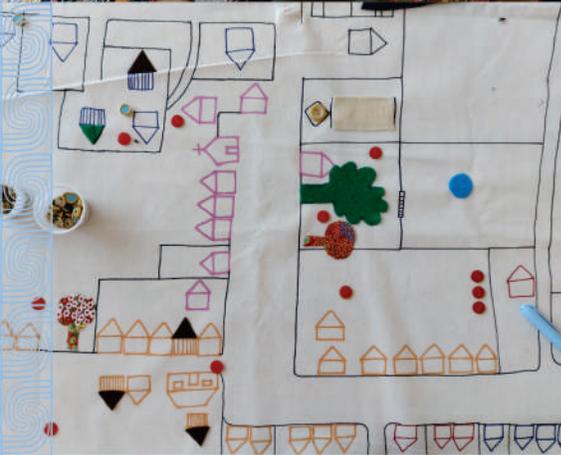
Coordenação geral: Franklin Plessmann de Carvalho, Juracy Marques e Vânia Fialho. 20 p.

ISSN: 2763-7174

1. Conflitos sociais. 2. Povos indígenas. 3. Processos de territorialização. I. Título.

CDU ????





O primeiro volume do projeto da nova cartografia social do Território Mendonça, intitulado “Território Mendonça: Práticas, Conhecimentos e Formas de Organização”, surgiu a partir da demanda de professores e professoras indígenas em produzir materiais didáticos/pedagógicos para educação escolar indígena, por meio do curso Ação Saberes Indígenas na Escola, bem como do interesse apresentado por Maria Ivoneide Campos da Silva, liderança Mendonça representante do Amarelão, em atualizar um mapa já existente, possibilitando sua utilização para organização e distribuição de recursos, ações locais e diálogo com órgãos públicos.

Nas discussões e caminhadas realizadas, destacou-se a questão da água e suas fontes como elemento fundamental em torno do qual são agregadas práticas e memórias. A disponibilidade ou falta de água nas nossas comunidades organiza as trajetórias, o trabalho, a alimentação, as demandas, enfim, a vida cotidiana do povo Mendonça em seu território.

“A água é fonte de vida, quando estamos em tempo de inverno junta-se água da chuva para beber, e gasto quando não tem o acesso a ela em nossa comunidade é através da operação carro pipa, e água encanada que vem da comunidade vizinha Serrote de São Bento. O açude no tempo de seca passa a ser um dos principais recipientes de água da co-

munidade, pois é dele que as famílias retiram água para gastos esses sendo: lavar roupa, tomar banho, e passa a ser essencial na vida dos animais.” (Beatriz dos Santos Nascimento, Amarelão, 2021)

“Hoje, no nosso território, uma das principais ameaças é a falta de água. De água potável tanto para o consumo quanto para a produção. Faz mais de vinte anos que a comunidade é abastecida por carro-pipa. Essas “operações-pipa”, estão canceladas no município de João Câmara. A Defesa Civil, ou seja, o exército, não está abastecendo as comunidades com água. Somente a prefeitura está fazendo isso, mas de forma muito reduzida. Esse ano, foi mais um ano de seca, que não choveu, então, a situação foi crítica, porque não choveu. Em 2020, por exemplo, a gente ainda conseguiu encher algumas cisternas com água para consumo humano, mas este ano, ninguém conseguiu encher, porque não teve chuva que desse pra encher. Então, na nossa comunidade, a principal ameaça é a falta de água.” (Ivoneide Campos, Amarelão)

Assim, surgindo como desdobramento do primeiro volume e partindo das demandas e perspectivas das pessoas que tomaram parte no mapeamento sobre aquele momento específico, por meio de textos elaborados por nós, professoras/es





índigenas, sobre as lendas, bem como das falas de nossas lideranças e jovens indígenas durante o processo, a presente publicação traz essa **CARTOGRAFIA DAS ÁGUAS**, identificando as fontes naturais de água e tecnologias sociais para seu armazenamento, a fim de problematizar os limites da falta de acesso à água no contexto de manutenção do modo de vida do povo Mendonça no semiárido nordestino. Nesse diálogo, foram coletados pontos de GPS articulados nas seguintes categorias:

fontes de água: açude, barragem, barreiro, cacimba ativa, cacimba não ativa, cacimbão ativo, cacimbão não ativo; riacho, poço ativo, poço não ativo; **formas de transporte da água:** carro-pipa, carroça, carro de mão, moto, botijão, balde, garrafão; **tecnologias sociais de armazenamento de água:** cisterna, cisterna pública, cisterna calçadão, caixa de água pública; **pontos de memória:** Tanque de Pedras, Cacimba Salgada, Açude, Caixa d'Água; **conflitos e ameaças:** falta de água/falta de acesso à água.

“Aqui Açucena é rica em água, tem um lençol freático aqui, não sei se é assim que chama e passa por aqui por baixo. Há muitos e muitos anos atrás vinha gente do Amarelão pegar água de uma fonte aqui soterrada no açude, pegar água aqui. [...] Na verdade a fonte não está seca, tá soterrada, devido o antigo dono dessa terra criava muito animal e eles foram soterrando, soterrando, soterrando e os abalos também, tá soterrada. Há muita pedra em cima da fonte, só que tem muitos verdes, tá sempre verde, se passar dez anos de seca, que já passaram sete, tá sempre verde.” (Ednete Pedro da Silva, Açucena)

“A nossa comunidade nem sempre teve cisternas, pois antigamente a comunidade era abastecida pelas cacimbas, rios e açudes. Mas com o passar do tempo, chegaram as cisternas para a comunidade indígena, por meio de projetos das lideranças. Elas são uma riqueza para a nossa comunidade, é onde guardamos o bem mais precioso, a água que bebemos. Hoje quase todas as casas têm uma cisterna, sendo ela cisterna pequena ou calçadão. Elas melhoram a vida na nossa comunidade.” (Claudiane Pedro do Nascimento, Assentamento Santa Terezinha)

“A questão da água é os carrinho [carro-pipa] que bota aí na cisterna pública pra gasto, pra beber a gente tem nossa cisterna pra juntar água no inverno, cada casa tem sua cisterna pra juntar água doce.” (Dona Neném, Cachoeira)

“Agosto até finalzinho do ano [tá]esse clima mais seco, lá no finalzinho de dezembro normalmente tem uma chuvazinha daí cria aquele cenário que a gente conhece aqui no semiárido como seca verde, tudo fica verdinho, mas na verdade se você parar para analisar, tá seco. Só que a vegetação que caiu ela brotou como se tivesse no período chuvoso. Aí nós temos janeiro, fevereiro, lá finalzinho de março, costuma, entre aspas, se regularizar as chuvas, até junho um periodozinho que a gente tem de produção. Terminô, começa esse período agora que a gente está vivendo.” (Francisco Ismael de Souza, Amarelão)

“Esse ano a chuva foi muito ruim, se bem que minha mãe não concorda comigo em termos de chuva ruim, segundo ela, teve um pouquinho de chuva, chuva por si só já é boa, não posso usar o termo ruim. Olha, é ruim no sentido que é muito irregular e muito pouca. Eu sempre discuto com ela em relação a ideia de chuva, toda chuva é boa.” (Francisco Ismael de Souza, Amarelão)



ÁGUA E MEMÓRIA

Eu lembro que pai tinha umas hortas lá na cacimba, e a cacimba era água pra tudo, para beber, para cozinhar, para fazer tudo, quando eu era pequena eu lembro daquela água, não era suja, era uma água escura, mas você via que era limpinha [...] Eu lembro disso, lembro que pai tendo que pegar água lá em Serrote, pai ia de carroça com um burro, botava o burro na carroça ia pegar os tambor de água ia lá no Serrote, seis quilômetros aqui de casa, e toda tarde ia, tinha dia que o poço tava seco, tinha dia que o poço tava quebrado, alguma coisa, mas era essa rotina de buscar água, depois do tempo da cacimba, foi depois aqui ali. [...] Depois veio essas cisternas, veio pouquíssimas pela Associação,

parece que foi quatro, que eu também não lembro quando foi porque eu era pequena, mas eu sei que tem porque eu já estudei os documentos de lá. [...] Se não fosse essas cisternas, agora eu fico lembrando que a pessoa tinha que ir, mainha ia lavar roupa no Açude lá perto de João Câmara, a gente ia na carroça, era longe que nem a desgraça, pai botava um monte de roupa, ia mãe, tia Nega, um monte de roupa em cima da carroça e uma ruma de menino, monte de panela, negócio pra cozinhar, passava o dia todinho no açude pra lavar roupa, lavava roupa, secava tudo e tardezinha vinha embora, porque não tinha água na comunidade, aí tinha que ir pra lá. [...] (Liziane Campos, Amarelão)

As cisternas de lona eram poucas, lembro que lá onde Andreia mora lá nós tínhamos uma, Seu Severino Rosa tinha uma nesse terreno que ele mora, não lembro o ano, mas pelo governador descobre, era Geraldo Melo e o prefeito de João Câmara era José Ribamar, era década de 80. Era um buraco, não lembro se era a comunidade que cavava, tinha uns 12 metros de comprimento e era cavado inclinado, daí forrava com uma lona grossa, tipo uma borracha. Aí depois de cavada, botava essa lona e subia uma parede de alvenaria e a cobertura era de madeira com uma telha de brasilit de amianto. Tinha uma área de captação, um piso, que no meio dele tinha um filtro com carvão, areia, a água caía nesse piso e passava pelo filtro, nela, nessa alvenaria tinha uma portinha que a pessoa entrava. A nossa era abastecida com trator da prefeitura, eu não lembro a capacidade dela. Eram poucas cisternas aqui. Depois as pessoas começaram a fazer elas de alvenaria, quem tinha condições, era muito pouco. Nesse período a comunidade era abastecida por pipa, que nem era caminhão era o trator da prefeitura, o trem que passava e parava ali na linha. Quando abastecia com o trem, aí quem levava um tambor, enchia o tambor, mas quem só tinha um balde, aí pronto, passava uma semana para vir de novo. (Ivo-neide Campos, Amarelão)



Os mais velhos da comunidade repassam que esse açude era utilizado pela comunidade com o intuito tanto de suprir a necessidade de água do Território Mendonça, quanto para manter a questão dos animais, muitas pessoas do território saíam da comunidade do Amarelão, de Santa Terezinha e próprio do Serrote pra vir pegar água aqui, esse é um ponto de memória do meu povo, do povo Mendonça. Até hoje as pessoas ainda vêm a esse açude tanto para pegar água quanto para deixar os animais

aqui, como você pode ver tem vacas, ele é conhecido por Açude dos Bodes. Por muitos anos as pessoas vinham deixar aqui a questão dos bodes, tem muita pedra, tinha muita água para os animais se manterem. Pra não haver necessidade de carregar água daqui, lá pra comunidade pra dar essa água para os animais. Todo mundo vem, deixam os animais aqui e posteriormente levam a água pra casa. **(Dioclécio Bezerra da Costa, Assentamento Santa Terezinha)**

Aqui é os Tanque das Carretia, porque é uma carreira de tanquezinho, daí o pessoal botou os Tanque das Carretia. Tem o Tanque Grande, tem o açude. Aqui é tão bom, lembro tanta coisa, quando nós vinha, saía de casa pra lavar roupa, ruma de mulé com os saco de roupa, trazia feijão, trazia caldeirão, de tudo nós trazia, quando chegava ali no Tanque do Pau

nós botava o cumê no fogo, terminava de lavar roupa, aí nós ia almoçar, quando nós terminava de almoçar, as roupa tava enxuta, nós colocava no saco, na cabeça e vinha pra casa. Faz bastante tempo que não venho aqui, é tão gostoso, é tão bom. Aqui é outro tanque, ali é o Tanque da Parede de Cimento, lá é o açude. **(Maria Betânia Soares, Cachoeira)**

Acho que facilitou muito esse negócio da água, imagine só você daqui, quem tinha uma carroça, mas quem não tinha e ia de carro de mão e quem não tinha carro de mão e ia de galão, lembro que pai ia buscar água lá na cacimba de galão, a gente morando aqui. Você sabe o que é um galão? É um pau, bota duas cordas assim e amarra dois baldes e traz assim, pai ia buscar água naquilo. Era um sofrimento muito grande, depois passou a ter água na cozinha, a cisterna ali bem pertinho da porta da cozinha, você abre, você tira. Acho que foi a melhor coisa que veio para o Amarelão foi as cisternas. [...] **(Liziane Campos, Amarelão)**

Antigamente era mais difícil, muito mais difícil porque era cacimba e aqui só tinha três cacimba que fornecia a gente, uma ali perto dos Tinga, uma na baixa, outra aqui em cima, a gente levantava de três horas da madrugada com os baldo, espera enche

o baldo d'água porque não tinha suficiente para todo mundo, e a veia era poca, as veia da cacimba era pouca, além de vir da água da chuva de Deus, barrenta, sapo dentro, chegava os guaxinim rasgado de sapo e a gente tinha que beber, porque não tinha de onde tirar, a gente abanava e dava graças a Deus quando as veia soltava que a gente chegava e tinha pra encher nosso pote ou nossa lata d'água. Cada um que podia pegava um, pegava dois, pegava três e era muito difícil, muito mais difícil. Agora ainda tem o Exército que bota, tem as cisternas agora, que nós tendo as cisterna agora quando Deus manda a chuva, a gente ainda apara uma aguinha doce pra beber e quando não tem inverno, dependendo do Exército, quando vem essa pipa d'água pra todo mundo. Mas antigamente era muito [mais] difícil que agora, mas agora também é difícil, é muito difícil. **(Mãe Selma, Amarelão)**

NÚMEROS DA ÁGUA: TERRITÓRIO MENDONÇA

Tecnologias sociais de captação e armazenamento de água e outras fontes de água



05

Açude

04

Barragem

01

Barreiro

06

Cacimba Ativa

03

Cacimba
Não Ativa

02

Cacimba
Salgada

03

Cacimbão
Ativo

01

Cacimbão
Anão Ativo

01

Laje

05

Riacho
Intermitente

10

Tanque
de Pedra

06

Poço Ativo

09

Poço
Não Ativo

02

Dessalinizador

600

(aproximadamente)

Cisterna
Doméstica

24

Cisterna
Calçadão

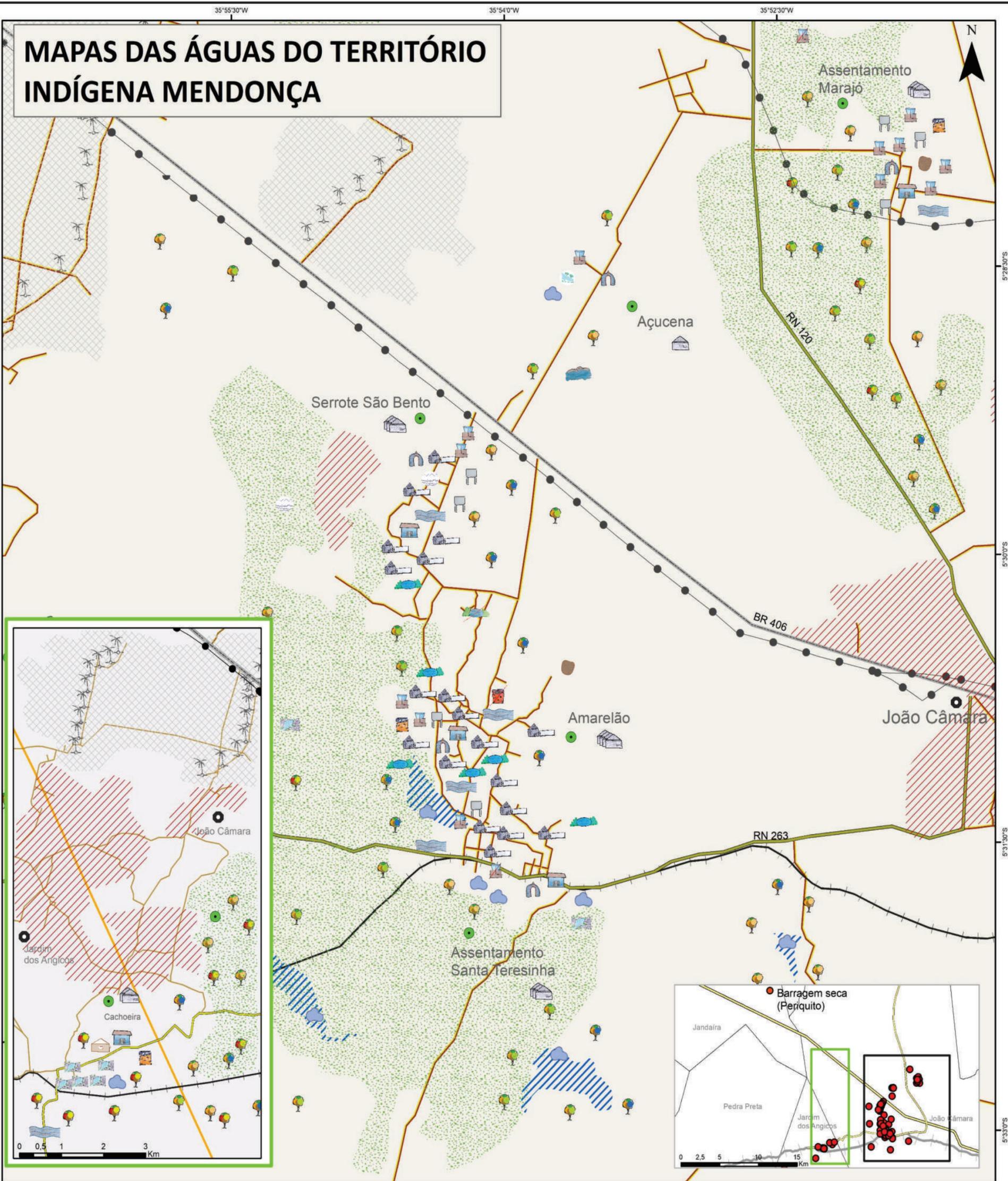
02

Cisterna
Pública

07

Caixa de
Água Pública

MAPAS DAS ÁGUAS DO TERRITÓRIO INDÍGENA MENDONÇA



LEGENDA

- | | | | | |
|----------------------------|--------------------------------|--------------|-----------|---------------------|
| Área do açude quando enche | Área de reserva | Área de mata | Escola | Associação Indígena |
| Área desmatada | Área de influência das eólicas | Eólicas | Município | Comunidade Indígena |
| Área de reserva | Área do açude quando enche | Área de mata | Escola | Associação Indígena |
| Área desmatada | Área de influência das eólicas | Eólicas | Município | Comunidade Indígena |

ÁGUA

- | | | | | | | | |
|-------|----------|----------|--------------|---------------|-------------------|----------------|--------------------|
| Açude | Barragem | Barreiro | Caixa d'água | Cacimba ativa | Cacimba não ativa | Cacimbão ativo | Cacimbão não ativo |
| Açude | Barragem | Barreiro | Caixa d'água | Cacimba ativa | Cacimba não ativa | Cacimbão ativo | Cacimbão não ativo |

- | | | | | | | | | | | | |
|------------------|------------------|-------------------|-------------------|-------------------|------------------|-------|------|--------|------|--------------|-----------------|
| Até 20 cisternas | Até 80 cisternas | Até 150 cisternas | Até 200 cisternas | Cisterna calçadão | Cisterna pública | Fonte | Laje | Riacho | Poço | Poço inativo | Tanque de pedra |
|------------------|------------------|-------------------|-------------------|-------------------|------------------|-------|------|--------|------|--------------|-----------------|

COMUM ÀS COMUNIDADES INDÍGENAS

Situações

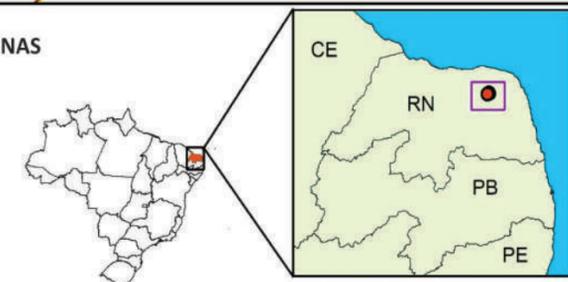
- | | |
|---------------------------------------|-----------------------|
| Falta d'água / falta de acesso à água | Acesso via carro-pipa |
|---------------------------------------|-----------------------|

Formas de transporte

- | | | | | |
|---------|--------------|-------|----------|--------|
| Carroça | Carro de mão | Balde | Garrafão | Tambor |
|---------|--------------|-------|----------|--------|

0 0,5 1 2 3 4 Km

ESCALA - 1:30.000



PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL
NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO NORDESTE
Fortalecimento de Centro de Ciências e Saberes

EQUIPE DE PESQUISA

Taísa Lewitzki; Ana Carolina do Nascimento Moura; Maria Ivoneide Campos da Silva; Rita Neves; Laura Carolina Borges.
CARTOGRAFIA: Poliana Nascimento; Tiane Souza.
Sistema de Coordenadas Geográficas: Sirgas2000
Natal/RN, 2022

ÁGUA E PRÁTICAS

A agricultura é a segunda maior atividade econômica desenvolvida na comunidade, todos os anos é realizado o plantio de lavoura como o milho, feijão, fava, macaxeira, mandioca, jerimum, quiabo que são utilizadas exclusivamente para alimentação. Os roçados normalmente são próximos de casa e de uso individual da família, o trabalho inicia com a limpeza da terra, em seguida o plantio e por fim, a colheita. Entretanto, esse processo depende exclusivamente da chuva, se o inverno for bom a produção é satisfatória, caso contrário, todo o trabalho é desperdiçado. **(Rejane Batista da Costa Feitoza, Serrote São Bento)**

O mais antigo [cacimbão], eu acho que é desde antes do Assentamento, antes da fazenda, hoje em dia

é a única água que a gente tem de utilização para os serviços domésticos, pra animais e pra irrigação aqui na comunidade. Isso que eu gostaria de dizer que desde o início é o mais certo que a gente tem de água é esse. Pra lavar roupa, pra lavá louça, pro banho, onde o pessoal tira água para os animais, para levar pro lote, é a única água que a gente tem esse momento é essa daqui. **(Ana Carla Bezerra Pinto Felipe, Assentamento Marajó)**

A tanajura é uma comida cultural muito apreciada em nossa comunidade, todos os anos em períodos chuvosos, elas saem para se reproduzir. A sua saída dos formigueiros causa bastante alegria, pois as pessoas correm para pegá-las e comê-las torradas. **(Lidiane Rodrigues, Assentamento Santa Terezinha)**



Eu gostava de fazer minhas hortas, sabe? Ano passado eu fiz, eu amava trabalhar nas minhas hortas. Era na quinta e na sexta, eu ficava feliz em fazer, em poder fazer elas. Eu chegava mais com minha cunhada, chegava logo cedo para arrancar o coentro, limpar, lavar, tirar a raiz, tirar aqueles amarelo, tinha que fazer tudinho o processo, eu amava tirar meu coentro, vender meus coentro com alface. O inverno está fraco, mas se esse ano tivesse enchido [barreiro] eu tava vendendo de novo pros meus freguês, que eu tinha garantido, ajudava e saía pra entregar. Eu usava água desse barreiro, vinha logo cedo agoar, quando era de três ou quatro hora vinha de novo agoar. Plantava alface, cebolinha, hortelã miúdo, esse ano não deu certo, mas é vontade de Deus, ele quem sabe o que faz.

(Adriana Justino, Amarelão)

Nós estamos aqui no açude Dos Barro, viemos andar por aqui dentro da mata, descobrir algumas coisas, olhar as águas, já vim várias vezes aqui no açude Dos Barro pegar piaba no landuá. Você sabe o que é um landuá? É um saco, sabe aquele saquinho vermelho de pegar cebola na feira, coloca num bambu, sabe o que é um bambu? Pois dobra e coloca, quando levanta tá cheio de piaba. **(Damiana Soares, Cachoeira)**

LEGENDA



A pesca é uma prática tradicional que acontece há anos nas comunidades indígenas, os Mendonça vão nos açudes do território em grupos ou até com as famílias para pescar vários tipos de peixe para o consumo das suas famílias. (Alice Santos, Amarelão)

O dono dessa barragem aqui já faleceu, é Seu João Rodrigues, é o dono dessa terra, ele mandou fazer essa barragem aqui pro gado dele, para os animais. Tem muita história sobre essa barragem. Enche de água pros gado beber, nós quando passa aqui que vai caçar mel também serve para as abelhas tirar água e fazer o mel, quando a gente passa aqui acha abelha tira o mel, passa de novo e volta lavar as

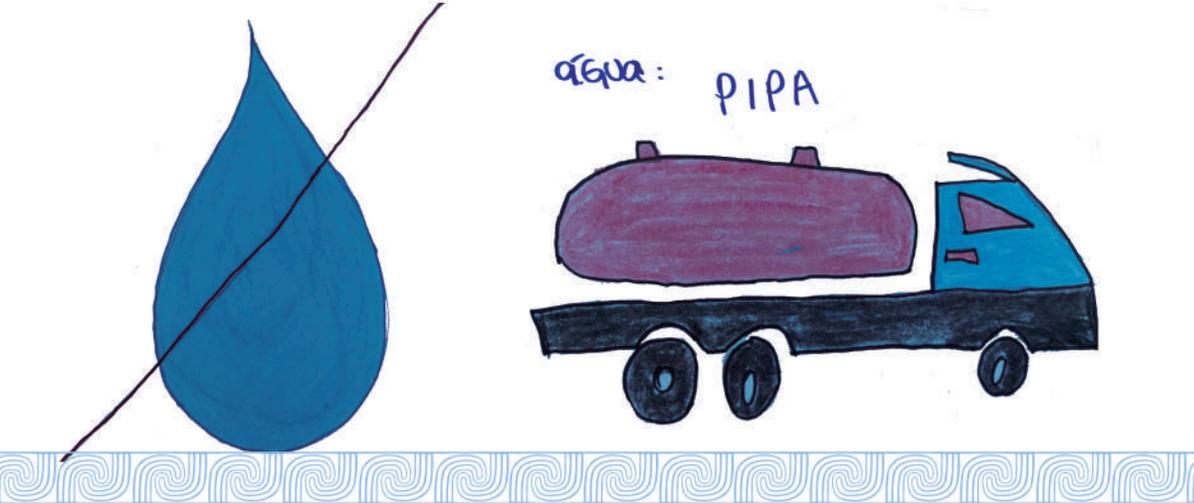
mãos, bebe água, nos bebe água quando tá cheia. E também quando o peixe tá grande a gente pesca e come [...]. A barragem é essa aqui para o gado beber água e todo o povo caça aqui nesse mato, bebe muita juriti, aqui bebe juriti, ribaçã, os pato de água quando tem água eles vem, marreca vem pra cá, os caçador mata pra comer, aqui não tem outra vida, só tem essa mesma de água. (Francisnete, Serrote São Bento)

ÁGUA, AMEAÇAS E CONFLITOS

Não sou mais satisfeita com nossa comunidade sobre a água, que é o que a gente mais sofre aqui, porque a gente não tem água, tanto pra plantar, quanto pra beber, quanto pra uso. Porque aqui pelos anos que a gente é daqui da nossa aldeia, era pra gente ter tratada, ter água encanada. Só que entra política, sai política, promessa vem, promessa vai e nunca que essa água chega pra gente. A nossa sorte é um poço que tem no Serrote, que o Prefeito de João Câmara toma de conta. Mas, nós tá cansado de passar três meses sem ter água. A sorte é que o exército manda uma carrada d'água, uma pipa d'água pra uma cisterna para cada um tirar dois balde de água.

O quê uma mãe de família faz passado o dia todo trabalhando na roça, com castanha, pra de noite você ter dois balde de água pra tomar banho, dar banho em filho, cozinhar e beber? e assim mesmo é salobra, é salgada. Então, nosso sofrimento é esse, porque se nós tivesse água, nós tinha riqueza, cada cá plantava, cada cá tinha com o que água sua horta, suas ervas, plantá um feijão, um milho, uma macaxeira, uma batata, um jerimum, mas se a gente plantá não dá, só esperando por Deus, em ano em ano. Então, o que a gente precisa aqui é água, a gente necessita de muita coisa pra nossa comunidade, mas se água viesse pra nós era nossa salvação. (Mãe Selma, Amarelão)





[Na escola anterior] era um rapaz que levava água de carroça, ia deixar de carroça, pegava água salgada ali na cisterna [pública] que eu disse que não chegava água, pegava e ia deixar na escola, aí botava em uns tamborzão preto e ficava aquela água pra gasto. E depois ia buscar água doce, lá no Serrote daquela dessalinizada para beber, aí botava em outro tambor, era dividido água de gasto e a água da escola pros minino beber. Só que antes tinha uma cisterna na escola, que era a cisterna que a água que vinha do Serrote era pra chegar lá na cisterna, mas não chegava. Aí vinha um carro pipa botá, mas não sei o que aconteceu, sei que já lembro dela toda quebrada a cisterna. Eu não sei exatamente o que aconteceu, se pararam de colocar água e ela rachou. **(Liziane Campos, Amarelão)**

Como já tinha essa experiência, nossa Associação colocou uma pessoa da diretoria para fiscalizar a obra da escola [...], quando foi percebido que

estavam construindo duas cisternas na parte alta da escola, que são cisternas que vão dar água de descida para cair nas torneiras, na encanação da escola, a gente falou 'mais essa água vai sair da onde?' Foi a primeira observação que a gente fez. A comunidade não tem água, é abastecida com carro-pipa, as cisternas foram colocadas no meio da escola na parte de cima, no alto, como chega à água lá? Como vocês pensaram isso? [...] Aí a gente disse que isso não vai funcionar, as cisternas, tinha uma que era na parte de baixo, e essas duas que é na parte de cima, não vai funcionar porque não tem água, nem tem como botar água em cima, a escola não tinha água encanada e começamos a fazer reuniões com a empresa e chamar a secretaria de educação do município que era responsável pelo projeto da escola. [...] Depois da escola pronta, entregue as chaves, tivemos uma nova reunião lá no Governo do Estado, já em fevereiro de 2019 fomos eu e Dioclecio, tivemos reunião com o

Secretário de Educação, com o Secretário de Educação do Município, do Estado, foi lá em Natal na SEEC, cobramos novamente essa questão da água. Eles disseram que iam tentar ver se tinha recurso para perfurar um poço, mas por enquanto, era pra usar de onde a gente tinha água para tirar, e a gente não tem água, a comunidade não tem da onde tirar água, então o que pode ser feito lá emergencialmente é a prefeitura mandar umas pipa de água na cisterna que é no piso de baixo e usar essa água para lavar louça, ir tirando com o balde, para lavar louça, lavar a escola. [...]

(Tayse Campos, Amarelão)

Meu pai vai buscá lá em Baixa dos Macacos [25 km do Amarelão] pra poder beber, porque em casa não vem água doce, mas como disse, essa cisterna suja é a única que tem. Como a gente chegou recente, não tem mais programa de cisternas do governo pra poder construir e pai tá sem condição de construir, aí pronto, aí ele vai todo final de semana pegar um tambor de 60 litros, pra gente poder beber e consumir. Se não, aí bebe suja, mas ele sempre vai, é o jeito. **(Micharle Barbosa, Amarelão, 2021)**

A falta de água no Marajó é um problema constante, que vem desde a fundação do assentamento e até hoje causa danos à toda população. Antigamente, nossa sobrevivência dependia da água do cacimbão e da água da chuva. No período do inverno os moradores aproveitam para armazenar



água da chuva em cisternas, baldes ou caixas. Quando passava esse período, a população utilizava a água do cacimbão para todos os tipos de consumo. Hoje em dia os moradores ainda aproveitam a água da chuva, e sobrevivem também da distribuição de água que o projeto operação pipa leva para as comunidades, mesmo o assentamento Marajó tendo 5 poços todos se encontram desativados. **(Articulação dos Jovens Indígenas de Marajó)**

A caixa d'água fornecia água para toda a comunidade, foi dividida para duas ruas em turnos diferentes, uma rua durante a manhã e outra durante a tarde, o saneamento forneceu durante 4 anos, a bomba que bombeava água do poço para a caixa queimou, com isso a mesma ficou desativada até hoje, trazendo um prejuízo para a comunidade que ficou sem o

fornecimento de água. Hoje a caixa d'água é usada apenas como referência para identificar a casa do comerciante José Pinheiro (Zé). **(Articulação dos Jovens Indígenas de Marajó, 2021)**

A piçarreira onde a eólica veio e fez a desmatagem todinha da nossa área, uma área que era de conservação que tinha animais e tudo, e tiraram várias carrada de piçarro daqui das eólicas e acabou que depois o pessoal achava espinha de cobras muito grandes que eles acabaram matando, os animais que tinha aqui de caça nessa área sumiram totalmente, por conta que eles fizeram esse desmatamento e a devastação da nossa comunidade como ficou. E ficaram de vir fazer o reflorestamento e até hoje não vieram, se eu não me engano se deu em 2015, 2016 esse dano a nossa comunidade. **(Kaline Bezerra Felipe, Assentamento Marajó)**

ÁGUA E DEMANDAS

Não tem como tirar água, porque têm sete poços, mas não têm nenhum ativado. A gente agora, mês passado a gente conseguiu limpar um pela Associação Indígena e estamos esperando a limpeza de outro. A gente entrou para o Projeto da Água Doce mas não passou a água toda, a gente limpou para a Água Doce, mas a gente não tem acesso de poder instalar. [Água Doce] é um projeto do governo federal que vem um dessalinizador, é feito tanques, construir tanques com a caixa e aquela água fica só para o consumo humano, mas é uma água potável, só que a gente ainda não tem, não passou o poço, não conseguiu o poço, a gente tem o projeto aprovado, mas sem a garantia de um poço. A gente conseguiu pela prefeitura, conseguiu

não, a gente foi lá e eles falaram que vinham fazer a limpeza do outro, porque fizeram um serviço mal feito e por causa da chuva entrou muita areia pra dentro, aí ficou de vir e a gente tá esperando eles desde semana passada e eles não vieram ainda. [...] A água que a gente utiliza do cacimbão, tem tempo que tá muito cheiro, uma catinga fria na água, não sei se tem muita coisa embaixo, sai meio amarelada e uma catinga fria, que é excesso de coisa que cai dentro, porque é muito antiga, quando a gente chegou aqui já existia esse cacimbão, aí a gente não sabe o quanto de coisa já foi jogado lá dentro. Antigamente ele era tão cheio, jogava uma corda e empurrava lá dentro. **(Ana Carla, Assentamento Marajó, 2021)**



SÉRIE: NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DO NORDESTE

1 Tapuias Tairariús da Lagoa de Tapará/RN: origens, cultura e ambiente

2 Quilombo Rio dos Macacos

3 Quilombo Quingoma

4 Território Mendonça: Práticas, Conhecimentos e Formas de Organização - Vol. 1

4 ÁGUAS DO TERRITÓRIO MENDONÇA - Vol. 2

